

PARA ESCAPAR DO ÓBVIO

A intensa luz que domina a planície do DF e o azul do céu de Brasília não é de hoje conquistam fotógrafos, diretores e fotógrafos de cinema. Aqui, o cineasta Glauber Rocha rodou *A Idade da Terra*, revelando luminosidade nem sempre compreendida. "Alguns dizem que ele errou. Mas o

que Glauber quis foi mostrar uma explosão de luz", entende o fotógrafo catalão Juan Pratginestós.

A luz de Brasília – "lindíssima", na avaliação de Pratginestós – é passível de interpretação. "Como qualquer luz, ela pode funcionar como aliada ou como desafio. Às vezes, ela realmente incomoda", reconhece o catalão, há 40 anos radicado no DF.

Diretor de fotografia e cineasta, André Luís da Cunha aponta o horizonte de Brasília como atrativo para se registrar a cidade. "Estamos distantes do litoral, o céu é o nosso mar", analisa ele, para quem a arquitetura de Niemeyer também é convidativa. "Ter a obra dele como cenário nos permite fotografar belas for-

mas sempre. Sou mineiro, mas fui criado aqui. Por isso, tenho a formação visual ligada à fluidez da cidade", diz o cineasta. "Há coisa mais bonita que a luz no final da tarde na cidade?"

Paranaense que se transferiu para Brasília em 1983, Anderson Schneider confessa que busca fugir da obviedade. "A cidade é cheia de clichês fotográficos, como o céu azul e a arquitetura de Niemeyer, o que não significa que não goste da obra dele, inventiva e arrojada. Mas fica fácil pegar carona. Busco o inconsciente, os bastidores de Brasília. Ângulos que fujam da postalização da cidade. Que as pessoas olhem e digam: Mas isto é Brasília?!"